



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

O MEIO E A REPRESENTAÇÃO DE ESPAÇOS NO PORTUGUÊS POPULAR DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Gilsileide Cristina Barros Lima*
(UESB)

Valéria Viana Sousa**
(UESB)

Jorge Augusto Alves da Silva***
(UESB)

RESUMO

Neste estudo, investigaremos de que maneira *meio* estabelece os espaços no Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC). Em uma perspectiva Funcionalista, analisaremos a trajetória de mudança empreendida por esse item, que, ao longo do tempo, vem acumulando funções e representando tanto conceitos concretos quanto abstratos. Observaremos o comportamento sintático, semântico e pragmático de *meio* nas sentenças, bem como dos termos que o acompanham (preposições, pronomes e advérbios) para verificar registros inovadores que revelam um percurso unidirecional rumo à Gramaticalização.

PALAVRAS-CHAVE: *Meio*, Espaço, Gramaticalização.

INTRODUÇÃO

Este estudo surgiu durante o Mestrado em Linguística (em andamento), no qual analisamos a trajetória de mudança empreendida pelo *meio*, item que vem acumulando

*Mestranda em Linguística (PPGLin) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, integrante do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. (email: gilbarroslima@gmail.com)

** Doutora em Letras (área de concentração em Linguística e Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Professora Titular da Área de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo - CNPq. (valeriavianasousa@gmail.com)

funções e representando conceitos concretos e abstratos. Durante a pesquisa, deparamo-nos com emissões do tipo:

(1) *Tinha um buraco no mei da rua...* {risos} (Z.C.D.M.)

(2) *...moleque andando no meio da rua com revólver atirando no mei' da rua, né?* (E.F.O.)

Com base no nosso conhecimento gramatical e pragmático, inferimos que, nas ocorrências acima, *meio* é um substantivo utilizado para indicar posição no espaço e refere-se a qualquer lugar de um elemento concreto: a rua. Mas chamou ainda mais nossa atenção o uso frequente desse elemento para indicar dimensões geográficas abstratas:

(3) *eu num tem avechu de fala em qualquer lugar nu mei de de ricu de pobre nu meu de multidão*(M.C.A.O.)

(4) *...el vai dar desgost ou pa mãe ou po pai, no mei do coloi ruim, aí vai querer assaltá, vai querer roubá* (C.D.S.)

Essa constatação fez crescer o nosso interesse em verificar como *meio* estabelece o espaço no Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC). Desse modo, observaremos o funcionamento do substantivo *meio*, bem como das preposições, pronomes e advérbios que o acompanham, em uma perspectiva sintático-semântica-pragmática.

O trabalho está organizado da seguinte forma: Na seção 1, apresentaremos a concepção Funcionalista de língua e o processo de Gramaticalização. Na seção 2, discutiremos as categorias conceptuais propostas por Heine, Claudi e Hünemeyer. A metodologia e a descrição do *corpus* que nos serviu de base para o estudo compõem a seção 3. Na seção 4, faremos uma análise dos dados. Na seção 5, as considerações finais fecham a discussão.

A CONCEPÇÃO FUNCIONALISTA DE LÍNGUA

Na perspectiva teórica de análise linguística, o Funcionalismo contrapõe-se ao formalismo porque atribui caráter essencial e determinante à função que a forma linguística exerce no ato comunicativo. Nesse ponto de vista, a sintaxe depende da semântica e estase relaciona à



pragmática, ou seja, a estrutura linguística surge com base no objetivo da interação, no conhecimento de mundo dos participantes e no contexto discursivo, ponto de partida da Gramaticalização.

Um dos conceitos clássicos para o termo Gramaticalização é “processo em que itens lexicais assumem funções gramaticais e, gramaticalizados, exercem funções mais gramaticalizadas” (NEVES, 1997, p. 115).

A Gramaticalização representa o dinamismo da gramática, isto é, a trajetória dos elementos linguísticos do léxico à gramática e de categorias menos gramaticais para mais gramaticais. O termo assume, portanto, dois sentidos: o *stricto sensu*, em que as formas saem do léxico e entram na gramática. Como exemplo, temos a pesquisa de Milca Cerqueira Etinger Silva (2014/2015), cujo objetivo é analisar as mudanças do verbo *ir*, que passa de verbo pleno a auxiliar. O estudo de Luana Carvalho Coelho (2014/2015), que analisa o deslizamento de sentido do verbo *dar*, ilustra o segundo sentido da Gramaticalização, o *lato sensu*, em que as mudanças ocorrem no interior da própria gramática.

Alguns estudiosos defendem que, durante essa trajetória, o elemento linguístico perde um conteúdo semântico e ganha outro. Para outros, não há perda de material semântico, mas um aumento por meio de metáfora, metonímia e extensão.

A metáfora e a metonímia surgem, portanto, como mecanismos de mudança. A metáfora ocorre por meio da analogia, processo em que se transfere um domínio conceptual para outro. A metonímia, mediante a reanálise, processo em que se aproximam significações em função da proximidade de formas linguísticas.

No processo metafórico, a abstratização ocorre de forma crescente, em um processo unidirecional. É assim que conceitos mais concretos, como o associado à categoria espaço em [*Do meio. São seis home e seis mulher*] (R.T.N.), por exemplo, passam a conceitos mais abstratos, como em [*E acaba entram no mei das droga*] (M.S.S.).

No processo metonímico, estão envolvidos o encadeamento sintático e um processo criativo bastante produtivo das línguas. A pressão da informatividade é o gatilho que faz surgir mudança na superfície da expressão, como ocorre com *meio da rua. Meio +*



rua, dois elementos de domínios cognitivos diferentes, formam uma única expressão que, apesar de explícita, “não se denota sua mescla” (SPAZIANI, 2008, p. 27).

Além de dinâmica, a Gramaticalização segue um *continuum*, uma única direção de mudança, de acordo com uma escala de abstração crescente. Na próxima seção, verificaremos a disposição dos elementos nessa escala para melhor compreendermos a trajetória *demeio* no *corpus* em questão.

CATEGORIAS CONCEPTUAIS E ESTÁGIOS DO PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Heine, Claudi e Hünemeyer (1991b) apresentam a seguinte sequência de categorias conceituais: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade (NOGUEIRA, 2008, p. 5). Nesse percurso unidirecional, as mudanças ocorrem da esquerda para a direita e partem de categorias mais próximas do indivíduo, mais concretas, para categorias mais distantes deste, portanto, menos concretas.

Heine, 2003 (citado por SPAZIANI, 2008, p. 29) prevê quatro situações na Gramaticalização de uma expressão linguística: *dessemantização* (*bleaching*, redução semântica ou desbotamento) *extensão* (ou generalização de contextos), *de categorização* (perda de propriedades características das formas-fonte) e *erosão* (ou redução fonética).

No tocante à dessemantização, concordamos com Traugott, 1982 (citado por NOGUEIRA, 2008, p. 5) quando afirma que essa perda é questionável, uma vez que ganhos e manutenção de traços também podem ocorrer. O que existe é, portanto, um equilíbrio, em que as perdas são compensadas com ganhos como vamos apontar no decorrer deste texto.

METODOLOGIA

Neste estudo, analisamos o *corpus* do PPVC, nos quais constam entrevistas de informantes de comunidades de fala realizadas por pesquisadores do projeto *Estudo de fenômenos linguísticos na perspectiva (sócio) funcionalista*, em 2012.



Selecionamos vinte e quatro entrevistas, doze do sexo masculino e doze do sexo feminino, com informantes de escolaridade até cinco anos e seguintes faixas etárias: faixa I (15 a 25 anos), faixa II (26 a 50 anos) e faixa III (mais de 50 anos).

Após a análise desse material, identificamos e descrevemos os padrões funcionais assumidos pelo item *meio* no PPVC. Para tal, consultamos dicionários e gramáticas atuais e outros mais antigos, bem como estudos linguísticos sobre o tema.

Nosso objetivo foi verificar valores discursivo-pragmáticos de *meio* e o processo de Gramaticalização que esse item vem sofrendo do ponto de vista morfossintático, semântico-pragmático.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS ETIMOLOGIA E ACEPÇÕES DE *MEIO*: O QUE DIZEM DICIONÁRIOS MAIS TRADICIONAIS

Nesta seção, apresentaremos a origem e concepções do termo *meio*, restringindo-nos analisá-lo na condição de substantivo masculino indicador de espaço, objeto de estudo e propósito deste texto.

Em Nunes (1945), *meio* provém do latim, o então adjectivo *mediu-* (*meio, centro*), com a perda do *d*, evoluiu para *meo* ou *meio*, e também se substantivou.

Na versão de Bueno (1974), *meio* também é originário do Latim *médium* e forma o primeiro elemento dos compostos eruditos com a ideia de menor, do gr. *meiôn*, menor, cuja forma deve ser *mio*.

Nascentes (1966) apresenta uma concepção mais enxuta para o termo: “ponto de uma área embora não coincida com o centro” (p. 141).

Machado (1967, p. 1533) elegeu as seguintes formas para conceber *meio* na representação do espaço “1. Lugar acessível a todos, à disposição de todos; 2. sítio exposto à vista de toda gente”.

Mais abrangente é a classificação de Aulete (1964), para quem *meio* representa: 1. ponto médio; 2. a parte que fica equidistante de dois extremos; 3. o ponto que se acha igualmente distante do princípio e do fim (quer falando do espaço, quer falando do tempo);



4. o centro; 5. a parte que se acha equidistante dos diversos pontos de uma periferia; 6. qualquer ponto de uma área que não seja nos extremos nem na periferia, embora também não coincida com o centro; 7.o lugar onde se vive habitualmente; 8.ambiente” (p. 2562).

O Aurélio da Língua Portuguesa (1986) atribui a meio as seguintes definições: 1.Ponto equidistante, ou mais ou menos equidistante, dos extremos; 2. Ponto equidistante, ou mais ou menos equidistante, de diversos outros em sua periferia; centro; 3. Momento equidistante, ou mais ou menos equidistante, do início e do fim; 4. Posição intermediária entre dois seres ou objetos; 5. Situação de permeio; 6. Lugar onde se vive, com suas características e condicionamentos geofísicos; ambiente; 7. Esfera social ou profissional onde se vive ou trabalha; ambiente, círculo.

Agora vejamos de que modo o Houaiss (2012) concebe o verbete meio: 1.parte de uma coisa equidistante de seus bordos, do seu princípio e fim, de suas extremidades; metade. 2.o centro de um espaço, lugar que dista igualmente de todos os pontos a seu redor; 3.aquilo que ocupa uma posição entre duas ou mais coisas. 4.momento que separa em duas partes iguais um espaço de tempo considerado; metade 5.grupo social, como aquele estabelecido pela família, profissão, classe econômica, contexto geográfico etc., a que pertence uma pessoa; 6.que, por suas dimensões, natureza ou caráter, está em posição ou condição intermédia.

Feita a análise em dicionários dos séculos XX e XXI, passemos à seção seguinte, na qual trataremos das categorias gramaticais dos termos que acompanham *meio* nas sentenças e que também são responsáveis pela construção das noções de espaço aqui visualizadas.

AS CATEGORIAS GRAMATICAIS E A CODIFICAÇÃO DO ESPAÇO: ALGUMAS QUESTÕES SINTÁTICAS

Para analisarmos a categoria espaço no PPVC, serviram-nos de base construções como “no meio da rua-corredor-avenida-estrada-drogas”, “aquele mei de Anagé”, “esse meio aqui”, “nu mei de de ricu de pobre nu meu de multidão”, entre outras. Desse modo, é



fundamental analisar a natureza morfológica de elementos gramaticais, como o substantivo, a preposição *em*, alguns pronomes demonstrativos (*esse, aquele*) e advérbios de lugar (*aqui, ali, lá e aí*), para verificar como os espaços são codificados no *corpus* do PPVC.

MEIO: UM SUBSTANTIVO COM PONTO DE REFERÊNCIA

Conforme afirmamos no início deste texto, nosso propósito é apresentar as sentenças do PPVC em que *meio* aparece como substantivo masculino, indicador de representação espacial. Verificaremos de que modo a gramática normativa, bem como pesquisadores de vertente Funcionalista consideram essa classe gramatical.

O substantivo é considerado um morfema lexical, uma palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral. Quando se fala em classes de palavras, os substantivos figuram em primeiro lugar. Essa “força” vem desde a sua etimologia, pois substantivo significa “o que está debaixo, na base”, e é a tradução latina de *hypokéimenon*, termo utilizado pelos gregos, os quais o consideram o fundamento do texto, uma classe sem a qual não se constrói um texto (CASTILHO, 2012, p. 455).

Do ponto de vista funcional, o substantivo serve, privativamente, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva (CUNHA e CINTRA, 2001, p. 177).

Outros linguistas e pesquisadores de base teórica Funcionalista também reconhecem o “destaque” do substantivo. Camacho et alli. (2008), por exemplo, defendem que, embora substantivos e adjetivos sejam frequentemente tratados como uma só classe, aqueles contam com propriedades específicas em relação a estes. Um dos atributos dos substantivos é que, além da morfológica, eles podem ser classificados segundo uma base semântica, organizando estruturas argumentais (CAMACHO et alli. 2008, p. 21).

Passados os olhos no substantivo, partiremos agora para a preposição *em*, uma das mais frequentes na fala e nas sentenças analisadas do PPVC.



A PREPOSIÇÃO *EM*: UMA POSIÇÃO BEM DEFINIDA NO ESPAÇO

A preposição *em* é usada para indicar lugar de maneira geral. Dos trechos em análise, a maioria (*no meio da-de*) compõe locuções adverbiais nas quais *em* funciona como transpositor e prepara *meio* para exercer a função de substantivo. Portanto, não se poderia tratar da noção de espaço sem apontar o sentido dessa preposição nos referidos contextos. Etimologicamente, *em* é proveniente da preposição latina *in*, que significava “localização dentro de” ou “deslocamento em direção a”, marcando, portanto, relações de espaço e tempo (ILARI et alii. 2008, p. 733).

Os gramáticos Cunha e Cintra (2001) instituem dois sentidos para essa preposição. O primeiro refere-se ao movimento; o segundo, à situação, sentido que nos interessa neste texto. A situação estabelece a “posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de” (CUNHA e CINTRA, 2001, p. 570-571) com base em três dimensões: no tempo, noção e espaço (“fui um bucado, fiquei pulando **no** meio da avenida” L.B.R.), tema em questão.

No PPVC, observamos que *em* aparece principalmente com verbos de movimento: *andar, gritar, ser assaltado*. Isso indica uma tendência de abstratização também dessa preposição, seguindo o padrão observado com base na escala espaço > tempo > processo.

OS DEMONSTRATIVOS *ESSE* E *AQUELE* E OS LUGARES NO PPVC

Como o próprio nome indica, os demonstrativos apontam, situam (no espaço ou no tempo) a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. A eles é atribuída a chamada função dêitica, capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo. Do grego *deiktikós*, que significa “próprio para demonstrar, demonstrativo”, é essa função que caracteriza fundamentalmente tal classe de pronomes (Cunha e Cintra, 2001, p. 328).



Em resumo, segundo a gramática normativa, *este, esta* e *isto* indicam o que está perto da pessoa que fala; *esse, essa* e *isso* o que está perto da pessoa a quem se fala e *aquela, aquela* e *aquilo* referem-se ao que está afastado tanto da pessoa que fala como da pessoa a quem se fala (Cunha e Cintra, 2001, p. 328).

Apoiado em Rodrigues (1978:65) e segundo a natureza da indicação, Castilho (2010, p. 495) apresenta os demonstrativos sob uma perspectiva um pouco diferente: 1.- /este/- indicação ostensiva de proximidade ao falante, 2. /esse/indicação ostensiva de proximidade ao ouvinte, 3. /aquele/indicação ostensiva de afastamento dos interlocutores, 4. /ele/- /o/ indicação contextual.

Nas sentenças do PPVC, os trechos *esse meio onde eu moro, já pá aquele mei' de Anagé* e *naquele tempo a fogueira* apontam uma proximidade (*esse*) e distanciamento (*aquela/naquele*) dos falantes dos espaços em questão

OS ADVÉRBIOS DE LUGAR: UM ESPAÇO EM QUESTÃO

No *corpus* analisado, os advérbios *ali, aí, aqui* e *lá* dividem espaço com o substantivo *meio*. Vamos ver o que dizem a gramática normativa e os linguistas sobre essa classe.

Cunha e Cintra (2001) definem: “O advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo” (p. 541). Nessa gramática, *ali, aí, aqui* e *lá*, como outros, recebem a denominação de advérbios de lugar, posto que indicam essa circunstância.

Contrariando o estabelecido pela gramática normativa, Neves (2008) classifica-os de circunstanciais fóricos por serem expressos com uma só palavra e a partir dos quais se faz a localização (p. 479). Segundo a linguista (2008), os advérbios de lugar (assim como os de tempo), possuem um estatuto particular: são circunstanciais, mas não modificadores do verbo (NEVES, 2008, p. 492)

No trecho *esse meio onde eu moro aqui mesmo*, estabelece-se uma relação cognitiva espacial entre *esse* e *aqui*, em que *aqui* é tomado como ponto de referência para a localização de *esse*. Segundo Castilho (2010), em algumas variedades do português do



Brasil desaparece a distinção entre *este* e *esse*, prevalecendo só o último (ou só o primeiro) ou usando-se ambos aparentemente de modo indistinto. (CASTILHO, 2010, p. 495)

Do mesmo modo, em *a gente ficava no meio daquele fogo aí*, compartilham do mesmo espaço o distante *aquele* e o mais próximo *aí* (quando, segundo a gramática normativa, deveria ser *lá*).

Já o trecho *Ele vendo ali, ele aprendeu* indica que o falante está perto do fato, mas não tão perto como *aqui*. Com isso, verificamos que o ponto de referência para a organização dos espaços nesses advérbios é o contexto discursivo.

O MEIO NO PPVC: A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS

Pontes (1992) afirma que a noção de espaço é fundamental para o ser humano e que a primeira ideia de espaço que o homem tem lhe é dada pela língua. Para a autora, podemos situar um objeto com base na hierarquia, organização segundo a qual se localiza um objeto menor pelo maior, a qual ela denomina “o princípio da saliência”. Conforme esse princípio, dividimos o espaço em partes e nos situamos nelas: casa, quarto, armário etc. (PONTES, 1992, p. 63-64). Assim, saímos de espaços menores (quarto, casa) e vamos a espaços maiores (rua, bairro, cidade, país etc.).

UM ESPAÇO MAIOR: O MEIO DA RUA

No PPVC, chamou nossa atenção a importância atribuída aos espaços. Mas um deles se destaca: a *rua*. Nessa condição, julgamos necessário e importante construir um tópico para tratar especialmente disso.

- (5) *Uma vez eu tava com meu computador no [mei] da rua, meu notebook* (L.B.R.)
- (6) *É tão tranquilo que anda mais no mei' da rua [de] que na...nas calçada*(S.A.A.)
- (7) *Nor fica gritano no meio da rua, no0 vai de carro* (L.B.R.)
- (8) *Gente foi assaltada no mei0 da rua. Muitas coisa0 aconteceu* (S.S.C.)

(9) *Ele aprendeu no mundo, ele aprendeu cum os amigo0 dele, ele no meio da rua aprendeu, cê entendeu?*(E.S.B.)

Considerada em sua individualidade, a rua é tomada como ponto de referência para a maioria dos falantes do PPVC. Mas, por que apossar-se do *meio*, apenas uma das suas dimensões? Pontes (1992) aponta uma explicação plausível. Segundo ela, quando tomamos um objeto maior ou, de algum modo, mais importante para nós, a tendência é considerá-lo primeiro nas suas dimensões vertical e horizontal (cima-baixo). E cita Lyons, que julga a dimensão vertical a mais saliente das dimensões espaciais, uma dimensão física, psicológica e linguisticamente primária (Citado por Pontes, 1992, p. 65).

De outro modo, e ainda conforme Pontes (1992), costumamos projetar lados (frente-atrás) em pontos fixos como montanhas, por exemplo, que não têm nem frente nem costas. A autora argumenta que essa representação ocorre de acordo com a posição, com o local em que o observador se situa.

Voltando ao nosso espaço em questão, verificamos que o nosso observador, o falante do PPVC, situa-se no *“meio da rua”*, espaço onde ele, essencialmente, se movimenta.

Nas entrevistas, observa-se que a maioria mora em bairros afastados do centro da cidade, locais em que o fluxo de veículos, por exemplo, é menor. Daí essa projeção, a rua é o local onde eles frequentemente estão *“É tão tranquilo que anda mais no mei’ da rua”*, e que muitos fatos bons, como o retorno do estádio de futebol *“gritano no meio da rua”*, e outros nem tanto, acontecem *“Gente foi assaltada no meio da rua”*. A rua passa a ser um espaço de ações (para *estar, andar, gritar, ser assaltado*), tão próximo, que nela é possível, inclusive, aprender uma profissão (artesão) *“ele aprendeu cum os amigo0 dele, ele no meio da rua aprendeu”*.

À exceção de (6), em que existe uma oposição entre *meio da rua* e *calçada*, se retirássemos o *“meio”* de (5), (7), (8) e (9), não causaríamos nenhum prejuízo sintático às sentenças. Resta-nos, então, voltar à pergunta inicial: por que então *“meio”* para se referir à rua? Porque, linguisticamente, essa é a dimensão primária para os falantes em questão.



Soaria claramente estranho atribuímos frente-costas à rua, poderíamos, sim, dizer “em volta”, “do lado”, “atrás”, mas nenhuma dessas partes contemplaria o sentido figurado que *meio* assume nas emissões. Assim, o falante parte de um conceito mais concreto “*rua*” em direção a um mais abstrato “*meio da rua*” que, aqui, quer dizer: “lugar acessível a todos, à disposição de todos; sítio exposto à vista de toda a gente (MACHADO, (1967, p. 1533) ou representa a metáfora “*Olho da rua*”, como prefere Houaiss (2012).

Tal abstração ocorre em função da analogia, processo por meio do qual “palavras que designam fatos do mundo concreto são utilizadas para designar conceitos mais abstratos e mais difíceis de serem conceptualizados” (MARTELOTTA, 1996, p. 106).

Temos, portanto, um exemplo que ilustra um substantivo (*meio*) referenciando outro, (*rua*), um fenômeno linguístico que se apresenta no universo do texto e não isoladamente como a teoria formalista defende.

Neste tópico, vimos que *meio* consegue estender, ou melhor, abstratizar o conceito de espaço em “*meio da rua*”. Outros espaços também são construídos com esse substantivo.

OUTROS ESPAÇOS

AFETIVO/FAMILIAR

(10) *no tempo do frio costumava acender um fogo na sala, fogo a lenha, a gente ficava no meio daquele fogo aí (J.A.P.)*

Lúdico

(11) *As brincadera? Era sala de dança, cantiga de roda... As moça cantava roda, estava no mei', né (A.R.A.)*

(12) *...argente via balançá tudo, a arquibancada balança toda... 'tá lá no mei' então...ixe, é bom demais (S.A.A.)*

(13) *...esses rapazote esses [rapazão] nós fundava no mei' uns vestia saia e pintava de ruivo bo...(E.F.O.)*



Indesejável

(14) *...el vai dar desgost ou pa mãe ou po pai, no mei do coloi ruim, aí vai querer assaltá, vai querer roubá (C.D.S.)*

(15) *... tá no meio das pessoa que num dev', né? (W.S.O.)*

(16) *E acaba entrano no mei das droga (M.S.S.)*

Próximo

(17) *esse meio onde eu moro aqui mesmo (Z.C.D.M.)*

Distante

(18) *...um clima bom já pá aquele mei' de Anagé Po... éh... (W.S.O.)*

Religioso

(19) *pu0 que a gente tinha muito encontro no meio de multidão (M.C.A.O.)*

De diálogo

(20) *...depois as irmã entrô no mei e falô: "Não, é rapaz solteiro, eh... (Z.C.D.M.)*

Concreto

(21) *...não ficou no corredor, no mei do corredor (M.C.A.O.)*

A análise dos dados obtidos nas entrevistas do PPVC permitiu identificar: a alta frequência e Gramaticalização de *meio* e *em*. Esta preposição apresenta distribuição bastante variada na construção dos espaços e na composição de locuções adverbiais (*no meio da rua-corredor-avenida-estrada-drogas, nu mei de de ricu de pobre nu meu de multidão*); a baixa produtividade de *demeio* nas entrevistas do sexo feminino (sete ocorrências, sendo uma da faixa I e seis da faixa III); a alta frequência de *meio* entre os

falantes do sexo masculino (dezenove ocorrências, sendo cinco da faixa I, sete da faixa II e sete da faixa III). As categorias mais abstratas foram maioria nas entrevistas, o que caracteriza uma inovação na língua.

Encontramos vinte e seis substantivos *meio* representando espaços, sendo um da categoria pessoa, dois da categoria processo, dois da categoria objeto e vinte e um da categoria espaço, distribuídos da seguinte maneira na escala das categorias cognitivas propostas por Heine, Claudi e Hünemeyer(1991b).

pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade

1 2 2 21 0 0

Esses dados demonstram, portanto, que as categorias mais concretas, as localizadas mais à esquerda da escala (pessoa, objeto e processo) tiveram baixa produtividade, ao passo que a categoria espaço, localizada mais à direita, foi a mais frequente.

A expressão *meio*, aqui, “abandonou” (atingiu o denominado *bleaching*, ou desbotamento semântico) sua acepção mais concreta e “ganhou” um sentido mais abstrato, mais figurado. Isso demonstra um equilíbrio presente no processo de Gramaticalização, em que as perdas são compensadas com ganhos.

CONCLUSÕES

Amparados nos pressupostos teóricos do Funcionalismo, neste estudo, investigamos o processo de Gramaticalização de *meio* na representação de espaços no Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC). Observamos o comportamento desse elemento nas sentenças, bem como dos termos que o acompanham (preposições, pronomes e advérbios) para verificar se havia algum registro inovador na língua.

A análise partiu de um levantamento das entrevistas que integram o PCVC e seguiu com a discussão sobre o processo de Gramaticalização de *meio* na representação de espaços no referido *corpus*.



Durante a análise, mostramos como o falante organiza o espaço por meio da língua e estudamos algumas classes gramaticais também responsáveis por marcar a localização, como o substantivo, a preposição *em*, os pronomes demonstrativos (*esse* e *aquele*) ou “mostrativos” como propõe Castilho (2012, p. 497), e os advérbios de lugar *aí*, *aqui*, *lá* e *ali*.

Chamou nossa atenção o fato de a rua ser o principal ponto de referência para os falantes do PPVC. Outros espaços foram identificados: alguns mais atraentes (afetivos, sociais, de lazer), outros desagradáveis (droga, violência).

No *corpus*, encontramos quatro padrões de *meio* e as categorias mais concretas, as da esquerda (pessoa, objeto e processo), tiveram baixa produtividade, ao passo que a categoria espaço,(da direita), foi a mais frequente. Esses dados revelam uma abstratização crescente desse elemento, um fenômeno lingüístico que, em virtude de características semânticas e discursivo-pragmáticas, caminha em direção ao processo de Gramaticalização.

REFERÊNCIAS

- AULETE. Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. III volume.. Rio de Janeiro: Editora Delta S. A., 1964. 2ª ed
- BUENO. Francisco da Silveira Bueno. **Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Brasília Limitada, 1974.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. 2ª ed.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 3. ed.
- CASTILHO. Ataliba T. de. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 2. ed
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012. 1 CD-ROM.
- ILARI, R. e NEVES, Maria Helena de Moura Neves (orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Vol 2. São Paulo: Editora da Unicamp, 2008.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Confluência, 1967. 2ª ed.

MARTELOTTA, E. et all (Org.) **Gramaticalização no português do Brasil uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em

http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945. 8ª ed

NASCENTES, Antenor. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Depto. De Imprensa Nacional. Academia Brasileira de Letras. 3º tomo, 1966.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NOGUEIRA, Priscilla de A. **Gramaticalização da construção quase que: motivações cognitivas para o uso da construção e incerteza**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

NOGUEIRA, Priscilla de A. **Correlação entre gramaticalização e movimentação social – estudo do item meio na cidade de São Paulo**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em <http://www.bv.fapesp.br/pt/pesquisador/78939/priscilla-de-almeida-nogueira/Acesso> em 10 de janeiro de 2015.

PONTES, E. **Espaço e Tempo na Língua Portuguesa**. São Paulo: Pontes, 1992.

SPAZIANI, Lídia. **A gramaticalização do item fora no Português do Brasil: a unidirecionalidade do processo**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.